

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA- PEAD
PÓLO GRAVATAÍ

NARA REGINA GOULART SARMENTO

AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM

PORTO ALEGRE

2010

NARA REGINA GOULART SARMENTO

APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Paulo Francisco Slomp
Tutora: Bianca Silva Costa

PORTO ALEGRE

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família em especial aos meus filhos Marcos Jr. Martielle e Daniele que me incentivaram e me auxiliaram nessa caminhada para realização desse desejo.

Ao meu marido o meu eterno agradecimento por entender tantas renúncias em família, para focalizar a busca pela formação acadêmica.

As colegas Maria Pinto Bitele e Marinez Andrade Pinto pelas longas noites de estudo pelo companheirismo e ajuda mútua.

Aos professores, que tanto contribuíram para o meu crescimento cognitivo, afetivo e emocional, tornando-se importantes para me fazer refletir, analisar e compreender o meu fazer pedagógico.

Ao meu professor orientador Paulo Francisco Slomp e minha tutora Bianca Silva Costa, que me oportunizaram construir uma comunidade de aprendizagem, caracterizada pelas trocas de materiais, informações, dúvidas, impressões e experiências.

“Se as crianças tiverem de ser vítimas do destino, que jamais sejam de nossa omissão ou negligência”.

John F. Kennedy

RESUMO

O presente trabalho tem como tema relação entre a afetividade e a aprendizagem e apoiou-se em uma pesquisa qualitativa, na qual se buscou identificar aspectos que podem contribuir de maneira positiva no desempenho escolar. Para isso, foram utilizados como instrumentos para coleta de dados o diário de campo e a entrevista estruturada, com perguntas para pais e professores dos alunos da quarta série de uma escola municipal de Gravataí. Dessa forma buscou-se identificar o conceito de afetividade e de aprendizagem para os entrevistados, investigar se há relação entre a afetividade e a aprendizagem e de que forma a afetividade pode influenciar na aprendizagem do ser humano. A relação de afeto entre aluno e professor é fundamentada em vários aspectos que são tratados ao longo deste trabalho, identificando as maneiras de incrementar a aprendizagem, as relações de afetividade, alicerçadas na proposta de estimular o aluno a estabelecer a interação com seus pares. Ela pode ser fundamental para a formação de personalidade do educando e para o tipo de cidadão que irá surgir a partir dessas relações. O referencial teórico foi construído tendo como base os pressupostos teóricos de Jean Piaget, Humberto Maturana e Henri Wallon. A escola precisa compreender a necessidade de tratar a criança para além de um mero receptor do conhecimento, mas interagir com afetividade para que essa a mesma possa construir relações de confiança e construir os conhecimentos trabalhados na escola.

Palavras-chave: Afetividade – Aprendizagem - Relação Professor – aluno - Conhecimento.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 8 |
| 2 AFETIVIDADE E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS | 10 |
| 2.1 O DESENVOLVIMENTO HUMANO E AS EMOÇÕES | 10 |
| 2.2 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE .. | 11 |
| 2.3 A APRENDIZAGEM E A AFETIVIDADE..... | 152 |
| 2.4 OS ESTÁGIOS DA AFETIVIDADE NA VIDA ESCOLAR | 15 |
| 2.5 RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO BASEADA NA AFETIVIDADE | 17 |
| 3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA..... | 20 |
| 3.1 APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE | 21 |
| 3.2. PROBLEMÁTICA..... | 21 |
| 3.3 OBJETIVO GERAL | 21 |
| 3.4 OBJETIVOS ESPECIFICOS | 21 |
| 3.5 O CAMPO DA PESQUISA | 222 |
| 3.5.1 Conhecendo a Escola..... | 22 |
| 3.5.2 Conhecendo a Turma..... | 233 |
| 4 REFLETINDO SOBRE AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADE FORNECEDORES DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA TURMA DE QUARTA SÉRIE | 24 |
| 4.1 ENTRELACANDO O COTIDIANO DA SALA DE AULA E A TEORIA | 24 |
| 4.2 AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM SEGUNDOS OS PROFESSORES..... | 28 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 31 |
| REFERÊNCIAS..... | 32 |
| APÊNDICES | 33 |

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A escolha da presente temática se justifica pelo meu interesse em desvendar como se dão as relações de afetividade e de aprendizagens entre professores e alunos dentro dos espaços escolares.

O ser humano passa boa parte de sua vida dentro de uma escola, estudando. Esse ambiente escolar torna-se fundamental na formação do educando como pessoa, pois é através das relações com os outros colegas e com os professores que irá ajudar a moldar o caráter do ser humano e tende a definir de que maneira irá agir diante dos obstáculos que se apresentarão ao longo da vida.

A escola é um complemento daquilo que a criança inicia recebendo na família e esses dois ciclos de aprendizagem se completam e devem atuar juntos para que a criança possa se tornar um cidadão consciente de suas responsabilidades.

Um ambiente de afetividade, carinho e o respeito contribuem de forma mais eficiente para a formação do ser humano tornando sua vida mais harmoniosa com seus semelhantes. É da família o papel de maior importância para a formação da personalidade da criança. Família presente e afetuosa contribui com a escola no crescimento individual e coletivo do educando.

A escola que, até então, tinha como finalidade transmitir o conhecimento, passa a ter um novo objetivo, transmitir o conhecimento com afetividade, pois a criança que vem para escola deseja antes do conhecimento, receber atenção, carinho, respeito e afeto dos professores que lá se encontram.

O educador, através da afetividade e da empatia, precisa conquistar o aluno para depois passar o conhecimento necessário, pois o que marcará na memória da criança será o que foi feito com amor e carinho.

É importante que o educador se aproxime do aluno, se mostre amigo e traga segurança junto ao ambiente onde ocorre a aprendizagem. Quando não há o incentivo dentro do lar da criança, é o professor a pessoa que poderá ser a referência de afetividade no ambiente escolar.

Valorizando a criança estará também, incentivando sua aprendizagem e este que já confia e admira seu professor, desejará aprender com ele tornando assim o ambiente escolar agradável e propício para a construção do conhecimento.

Sendo a afetividade essencial as relações humanas vejo o educando como um sujeito em fase de formação e que necessita de educação e cuidados que favoreçam sua constituição como indivíduo.

Neste trabalho a intenção é compreender como se estabelecem as relações de afetividade entre educando e educadores e de que forma elas influenciam no processo de ensino – aprendizagem.

Nesse sentido, procurei embasamento teórico para explicar os aspectos que fazem parte da afetividade e que podem contribuir para o desenvolvimento do educando. Busquei referencial teórico em Piaget, Wallon e Humberto Maturana por serem autores com grande colaboração nesse tema. Para contribuir com meu trabalho, realizei um estudo exploratório – qualitativo, com questionário e diário de campo.

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Gravataí, onde realizei o diário de campo com observações em uma turma de quarta série do ensino fundamental. O questionário foi dirigido aos pais dos alunos e alguns dos professores desta unidade de ensino.

Procurei abordar em cada um dos capítulos temas como: a afetividade e as relações interpessoais, o desenvolvimento humano e as emoções, sobre a importância da afetividade na formação da personalidade, a aprendizagem e a afetividade, sobre os estágios da afetividade na vida escolar e a relação professor aluno baseada na afetividade, para entender um pouco mais de que forma elas podem me auxiliar para oferecer uma aprendizagem mais significativa e de qualidade podendo contribuir para a formação do caráter do educando. Uma das fontes motivadoras do ensino e da aprendizagem está no vínculo estabelecido entre educando e educadores e a afetividade precisa ser fortalecida nas relações educacionais e fora ela.

2 AFETIVIDADE E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

A afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte. Ela está em nós como fonte geradora de potência e de energia. Segundo Piaget (1974, p.54) “parece existir um estreito paralelismo entre o desenvolvimento afetivo e o intelectual, com este último determinando as formas de cada etapa da afetividade”. Mas o que observamos no dia-dia é que a afetividade é a base sobre a qual se constrói o conhecimento racional.

As crianças que possuem uma boa relação afetiva são seguras, têm interesse pelo mundo que as cerca, compreendem melhor a realidade e apresentam melhor desenvolvimento intelectual.

2.1 O DESENVOLVIMENTO HUMANO E AS EMOÇÕES

A afetividade tem um papel preponderante no processo de desenvolvimento da personalidade da criança, que se manifesta primeiramente no comportamento e posteriormente na expressão. Almeida (1999, p. 41) ao mencionar Wallon diz que ele “atribui à emoção como os sentimentos e desejos, são manifestações da vida afetiva, um papel fundamental no processo de desenvolvimento humano. Entende-se por emoção as formas corporais de expressar o estado de espírito da pessoa”.

O desenvolvimento é um processo contínuo, pois o homem nunca está pronto e acabado e esse desenvolvimento refere-se ao mental e ao crescimento orgânico, conhecendo as características comuns de uma faixa etária, reconhecendo as individualidades.

Segundo Almeida (2001), a afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento: são construídas e se modificam de um período a outro à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas.

Isso demonstra que estar presente na vida dos filhos é muito importante: ouvi-los, sentar com eles permitir que eles façam parte do seu mundo. É necessário que os pais brinquem com seus filhos, deixando-os fazer parte do seu dia-a-dia, essa afetividade pode trazer grandes benefícios para a aprendizagem escolar da criança.

O desenvolvimento psíquico da criança dá-se através do meio social que ela convive. Para Almeida (2001) ao mencionar Wallon ela observa que “são as emoções que unem a criança ao meio social: são elas que antecipam a intenção e o raciocínio”.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

Personalidade é um conceito amplo e abrangente, que se refere à organização permanente das predisposições do indivíduo, de seus traços característicos, motivações, valores e modos de ajustamento ao ambiente.

O desenvolvimento da personalidade é um processo enormemente complexo, moldado por grande número de fatores inter-relacionados e continuamente interatuantes. Alguns aspectos desempenham papel importante na determinação do comportamento e das características da personalidade da criança, dentre eles temos os fatores biológicos e os fatores culturais.

De todas as espécies no mundo animal, o homem é o menos preso a um comportamento instintivo predeterminado. Ele é relativamente livre para responder de forma flexível ao seu ambiente. “Não há hereditariedade sem ambiente; não há ambiente sem hereditariedade” (ACKERMAN, 1986, p. 60).

Psicólogos têm discutido longamente sobre a importância relativa da hereditariedade e do ambiente na formação da personalidade individual. Embora ainda não tenham chegado a um acordo completo sobre todos os pontos envolvidos nesse problema, eles são unânimes em afirmar que não se pode desprezar a influência do ambiente nas características físicas e de comportamento das pessoas.

A idéia de que o modo de ser de cada um de nós já está definido pela hereditariedade, desde o momento em que nascemos, foi de todo abandonada pelos cientistas.

As características individuais, como cor da pele e dos olhos, não são influenciadas pelo ambiente, mas a nossa altura e nossa inteligência são. Um indivíduo com um forte potencial de inteligência pode tornar-se retardado se sofrer um choque violento ou se for criado isolado. A carência alimentar crônica diminui a estatura da população.

Experiências realizadas com animais têm fornecido informações valiosas a respeito da hereditariedade e do ambiente sobre o ser humano. Uma dessas experiências foi realizada por Harry Harlow com macacos. Separados da companhia da mãe e de outros macacos, eles apresentam certa mudança no padrão de comportamento que seria esperado se eles fossem criados em situação normal. Com os bebês acontece algo semelhante: uma relação afetuosa e estável com os pais contribui para um desenvolvimento normal, o que parece não ocorrer em casos de falta de cuidados da mãe ou outro adulto amoroso.

Existem diferenças hereditárias e congênitas significativas entre os filhos de uma mesma família. Os irmãos variam o tipo físico, o potencial intelectual, o ritmo de desenvolvimento e de aprendizagem, o temperamento etc. A hereditariedade impõe limites ao desenvolvimento de uma criança, mas a influência do ambiente é que vai moldar os potenciais dessa personalidade (ACKERMAN, 1986).

O período que vai dos primeiros meses de vida das crianças até a idade de sete anos é muito importante para a formação da personalidade e o estabelecimento do futuro comportamento. Paralelamente ao rápido desenvolvimento físico dessa fase observa-se também um rápido desenvolvimento mental. A criança é receptiva a todo tipo de aprendizado: o desenvolvimento de hábitos e características de personalidade, a maneira de perceber o mundo e lidar com ele e a absorção de um grande número de conhecimentos novos.

2.3 A APRENDIZAGEM E A AFETIVIDADE

Muitas vezes, as crianças ainda não estão preparadas para o ingresso na escola, pois este ingresso representa o primeiro afastamento da família. Com isso, o afeto da professora

torna-se importante para ajudar na interação desta criança com o ambiente e com o grupo. É importante que a criança sintam-se bem acolhida e entenda que a separação é um processo natural e que comece a criar dentro de si a noção de responsabilidade.

Conforme a criança vai crescendo, as crises emotivas reduzem. Cenas tão comuns na infância são controladas pela razão, num trabalho de desenvolvimento da pessoa. As emoções são subordinadas ao controle das funções psíquicas superiores, da razão. A criança volta-se naturalmente ao mundo real, numa tentativa de organizar seus conhecimentos adquiridos até então, é novamente o predomínio da função cognitiva.

Portanto, todo processo de educação significa também a constituição de um sujeito. A criança seja em casa, na escola, em todo lugar, está se constituindo como ser humano, através de suas experiências com o outro, naquele lugar, naquele momento. A construção do real acontece através de informações e desafios sobre as coisas do mundo, mas o aspecto afetivo nesta construção continua sempre muito presente.

Segundo Piaget, é incontestável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e, conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência. Consideram-se dois aspectos importantes no desenvolvimento intelectual: um afetivo e um cognitivo.

Para Piaget (1975, p. 265), “afeto e cognição resultam de uma adaptação contínua e interdependente, em que os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações ou das estruturas inteligentes”. “Enquanto os esquemas afetivos levam à construção do caráter, os esquemas cognitivos conduzem à formação da inteligência” (PIAGET *apud* FARIA, 1993, p.8).

A vida afetiva e a vida social, como formas de adaptação, apóiam-se numa assimilação contínua de situações presentes a situações anteriores. Essa assimilação é responsável pela existência de esquemas afetivos, isto é, de maneiras relativamente estáveis de sentir e reagir em relação aos outros.

De acordo com Piaget (1975), o processo de assimilação e de acomodação ocorre normalmente, porque os esquemas pessoais são como os outros, cognitivos e afetivos. Existe apenas uma diferença de grau, pois as pessoas provocam reações diferenciadas das reações provocadas pelos objetos. Um bebê que sente prazer no seu relacionamento inicial com a mãe, tende a repetir esse sentimento em seus contatos posteriores com ela. Tende ainda generalizá-lo a outras pessoas como tias, avós, etc.

Para tanto, necessita modificar ou diferenciar o esquema afetivo, isto é, precisa acomodar os modos de sentir atuais aos modos de sentir passados. A impressão afetiva nada mais é que a consciência de uma necessidade ou de um interesse capaz de levar o organismo a se mobilizar para satisfazê-la e, assim, atingir o equilíbrio. Explicando melhor, a afetividade representa a fonte energética que mobiliza a inteligência, sem alterá-la, da mesma forma que o combustível de um carro provoca o funcionamento do motor sem modificar a máquina (PIAGET, 1954.)

Para o mesmo autor (1975, p. 226), “cada um dos personagens do meio ambiente da criança ocasiona em suas relações com ela uma espécie de esquema afetivo, isto é, resumos ou moldes dos diversos sentimentos sucessivos que esse personagem provoca”. O conjunto dos esquemas irá constituir o caráter da pessoa.

É imprescindível, então que no contexto escolar trabalhemos a articulação afetividade-aprendizagem nas mais variadas situações, considerando-a como essencial na prática pedagógica e não a julgando como simples alternativa da qual podemos lançar mão quando queremos fazer uma “atividade diferente” na escola. Essa articulação deve ser uma constante na busca de todos que concebem o espaço escolar como locais privilegiados na formação humana.

Os conhecimentos são construídos por meio da ação e da interação. O sujeito aprende quando se envolve ativamente no processo de produção do conhecimento, através da mobilização de suas atividades mentais e na interação com o outro. Portanto, a sala de aula precisa ser espaço de formação, de harmonização, onde a afetividade em suas diferentes manifestações possa ser usada em favor da aprendizagem, pois o afetivo e o intelectual são faces de uma mesma realidade, o desenvolvimento do ser humano.

2.4 OS ESTÁGIOS DA AFETIVIDADE NA VIDA ESCOLAR

Henri Wallon (1995), define a evolução do ser humano através de estágios comportamentais, onde a criança vai vivenciando diversas situações e isso vai contribuir para o seu crescimento. Como a criança evolui até tornar-se adulta, do ponto de vista afetivo.

No início da vida o recurso de aprendizagem é a fusão com os outros. O processo de ensino e de aprendizagem exige respostas corporais, contatos epidérmicos, daí a importância de se ligar ao seu cuidador, que segure, carregue e embale. Através dessa função, a criança participa intensamente do ambiente e, apesar de percepções, sensações nebulosas e pouco claras, vão se familiarizando com esse mundo e apreendendo-o, iniciando assim, um processo de diferenciação.

O processo de ensino e de aprendizagem no lado afetivo se revela pela disposição do professor em oferecer uma diversidade de situações em aula, espaço para que todos os alunos possam participar igualmente e pela sua disposição de responder às constantes e insistentes indagações na busca de conhecer o mundo exterior, e assim facilitar para o aluno a sua diferenciação em relação aos objetos.

O processo de aprendizagem precisa oferecer atividades diferentes e a possibilidade de escolha pela criança das atividades que mais a atraiam. O adulto será o receptor de muitas respostas não: não quero; não gosto, não vou; é meu. O importante do ponto de vista afetivo é conhecer e respeitar as diferenças que despontam. Chamar pelo nome, mostrar que a criança está sendo vista, que ela tem visibilidade no grupo pelas suas diferenças, propor atividades que mostrem essas diferenças, dar oportunidades para que a criança se expresse.

O tipo de afetividade que facilita essas aprendizagens comporta oportunidades variadas de convivência com outras crianças de idades diferentes e a aceitação dos comportamentos de negação, lembrando que são recursos de desenvolvimento.

Ao ingressar na escola e iniciar o seu período escolar, a aprendizagem se faz predominantemente pela descoberta de diferenças e semelhanças entre objetos, imagens,

idéias. O predomínio é da razão. Esse predomínio vai se expressar em representações claras, precisas, que se transformarão, com o tempo, em conceitos e princípios.

A exploração de si mesmo, na busca de uma identidade autônoma, mediante atividades de confronto, auto-afirmação, questionamentos se submete e se apóia nos pares, contrapondo-se aos valores tal qual interpretados pelos adultos com quem convive.

Quando chega à adolescência, o recurso principal de aprendizagem do ponto de vista afetivo volta a ser a oposição, que vai aprofundando e possibilitando a identificação das diferenças entre idéias, sentimentos, valores próprios e do outro, adulto, na busca para responder Quem sou eu? Quais meus valores? Quem serei no futuro?

Para Wallon (1995), o processo ensino-aprendizagem facilitador do ponto de vista afetivo é aquele que permite a expressão e discussão dessas diferenças e que elas sejam levadas em consideração, desde que respeitados os limites que garantam relações solidárias.

Mas e o adulto, que representa o pólo ensino no processo ensino-aprendizagem. Apesar de todas as transformações ocorridas nas anteriores, a pessoa se reconhece como o mesmo e único ser. É capaz de afirmar com certa segurança: Eu sei quem sou. Ou seja, conhece melhor suas possibilidades, suas limitações, seus pontos fracos, suas motivações, seus valores e sentimentos, o que cria a possibilidade de escolhas mais adequadas nas diferentes situações de vida. Ser adulto significa ter desenvolvido uma consciência moral, reconhecer e assumir com clareza seus valores e dirigir suas decisões e escolhas de acordo com eles.

Para Wallon (1995), é essa definição de valores e compromissos com eles que marca o fim da adolescência, cuja característica primordial foi à luta por essa definição. Com maior clareza de seus valores, o adulto estará mais livre e com mais energias para voltar-se para os outros, para fora de si, em condições de acolher o outro solidariamente e a continuar a se desenvolver com ele. Esse é um indicador do amadurecimento: conseguir um equilíbrio entre “estar centrado em si”, e “estar centrado no outro”, um equilíbrio nas direções para dentro-conhecimento de si - e para fora - conhecimento do mundo.

2.5 RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO BASEADA NA AFETIVIDADE

A afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte. A afetividade domina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal é componente do equilíbrio e da harmonia da personalidade.

O sujeito constrói-se a partir das relações entre um mundo externo, estruturado pela cultura e pelas condições históricas, e por um mundo interno, não somente no aspecto cognitivo, mas afetivo, que envolve desejos, pulsões, sentimentos, emoções, portanto, é extremamente importante aproveitar essas relações na prática educativa.

Segundo Alencar (2001), educar é ensinar a olhar para fora e para dentro, superando o divórcio, típico da nossa sociedade, entre objetividade e subjetividade. É aprender além: saber que é tão verdade que a menor distância entre dois pontos é uma linha reta quando que o que reduz a distância entre dois seres humanos é o riso e a lágrima.

A afetividade é um conceito amplo, integra relações afetivas como a emoção (medo, cólera, alegria tristeza), a paixão e o sentimento, inerente ao processo de ensino – aprendizagem. Segundo a teoria Walloniana, emoção e cognição são dois aspectos inseparáveis no desenvolvimento e se apresentam de forma antagônica e complementar. Na sala de aula, espaço social de convivência diária, é possível perceber movimentos que caracterizam os conflitos eu-outro e que se constituem em oportunidades de questionamentos, reflexão e conscientização, e outros que apenas desgastam a relação professor/aluno/conhecimento. Mas também movimentos em que as interações gestadas na relação eu-outro são baseadas na importância do eu e do outro, no comprometimento e no diálogo.

A escola constitui-se como um espaço essencialmente educativo, cuja função principal é a de mediar o conhecimento, possibilitar ao educando o acesso à reconstrução do saber. Essa função está imbricada inexoravelmente às relações, pois a transmissão do conhecimento se dá na interação entre pessoas. Assim, nas relações ali estabelecidas, professor/aluno, aluno/professor, aluno/aluno o afeto está presente. Um dos componentes essenciais para que

esta relação seja significativa e represente uma parceria no processo ensino-aprendizagem, é o diálogo.

Enfatizar o diálogo como imprescindível na relação professor/aluno não significa, portanto, desconsiderar a diretividade necessária ao processo ensino-aprendizagem ou a má interpretação de que o bom professor é “o bonzinho”, “o que permite tudo”, ou “o que entende o aluno em todas suas atitudes”. A relação professor/aluno, por sua natureza antagônica, oferece riquíssimas possibilidades de crescimento (ALMEIDA, 2001).

Os conflitos oriundos desta relação desigual podem e devem ser aproveitados, pois resolvê-los pressupõe o exercício constante de equilíbrio entre razão e emoção. Devido à natureza paradoxal das emoções, há um antagonismo entre as mesmas e atividade intelectual. É possível perceber que quando ocorre a elevação da temperatura emocional, o desempenho intelectual diminui, impedindo a reflexão objetiva, e quando a atividade intelectual está voltada para a compreensão da emoção, seus efeitos são reduzidos. O desenvolvimento deve conduzir à predominância da razão, sem que a emoção esteja excluída.

Em se tratando de adolescentes é importante que a relação afetiva seja mais cognitiva, que se concretize considerando o outro como legítimo outro na convivência (MATURANA, 1999), ou seja, que a relação professor-aluno se dê como uma parceria afetivo-cognitiva, evidenciada através de uma linguagem onde haja espaço para o elogio, o incentivo e mesmo para a repreensão necessária, direcionada ao outro como possibilidade de reflexão, conscientização e formação. É essencial que esta relação esteja pautada no interesse pelo sujeito singular, gestado no coletivo, e principalmente pela crença na capacidade do ser humano.

Essa relação é uma via de mão dupla, professor/aluno, aluno/professor, que faz da sala de aula uma teia de valores, necessidades, aspirações e frustrações que se entrecruzam e, portanto, se influenciam reciprocamente. Por isso, tanto professor quanto o aluno são responsáveis por dar o tom a essa relação, mas é imprescindível que compreendamos que nós professores somos maestros nessa sinfonia, quer seja por nossa formação, experiência ou por nossa diferença em relação ao aluno, sujeito em formação, em busca de sua identidade.

A relação afetiva entre os sujeitos envolvidos no processo ensinar – aprender, o exercício do diálogo, o fazer compartilhado, o respeito pelo outro, o estar aberto, o saber escutar e dizer configura-se como elementos de fundamental importância para a aprendizagem.

3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Este trabalho apoiou-se em uma pesquisa qualitativa onde procurei identificar aspectos que podem contribuir de alguma maneira como auxílio no desempenho escolar. Para isso, utilizei como instrumento de registro de dados o diário de campo e a coleta de dados.

A investigação qualitativa tem na sua essência, segundo Bogdan e Biklen (1994), cinco características: (1) a fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados; (2) os dados que o investigador recolhe são essencialmente de caráter descritivo; (3) os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados; (4) a análise dos dados é feita de forma indutiva; e (5) o investigador interessa-se, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências.

Ainda segundo os mesmos autores, na investigação qualitativa em educação, o investigador comporta-se mais de acordo com o viajante que não planeia do que com aquele que o faz meticulosamente. Enquanto que a investigação quantitativa utiliza dados de natureza numérica que lhe permitem provar relações entre variáveis, a investigação qualitativa utiliza principalmente metodologias que possam criar dados descritivos que lhe permitirá observar o modo de pensar dos participantes numa investigação.

A pesquisa foi realizada em uma turma de quarta série do ensino fundamental de nove anos, com alunos cuja idade varia entre oito e doze anos, de uma escola pública municipal da periferia do município de Gravataí. A partir do meu olhar, descrevo experiências e sentimentos sobre as relações de afetividade entre professores e alunos ocorridos nesta unidade de ensino.

O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi à entrevista estruturada com perguntas abertas (Apêndice A) para professores e pais de alunos. Também foi utilizado o diário de campo, realizado com a turma.

Para responder o questionário destinado aos pais, distribuí para alguns pais dos alunos da sala de aula. Como não há muita participação dos pais no ambiente escolar, considerei

importante saber o que pensam sobre afetividade. Os pais assinaram o termo de autorização (Apêndice B), com a finalidade de auxiliar no diário de campo e oportunizar a participação dos pais na pesquisa. Nos relatos do diário de campo, denominei os alunos pela letra inicial de seus nomes. Os professores foram selecionados, alguns aleatoriamente, entre os turnos da manhã e da tarde. Os dados coletados foram submetidos a análise e reflexão, contribuindo para compreender as relações de afetividade entre professores e alunos e sua implicação na aprendizagem.

3.1 APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE

Para este estudo, foi realizada uma revisão bibliográfica, baseada em alguns teóricos como Jean Piaget, Henri Wallon e Humberto Maturana que trabalham com a questão da afetividade no processo de aprendizagem. Busquei obter o máximo de informações e esclarecimentos que contribuíssem para entender os problemas aqui apresentados. Realizou-se uma pesquisa de campo de caráter investigativo exploratório, através de questionários com perguntas abertas com questões que foram respondidas por pais dos alunos da 4ª série do ensino fundamental e professores da instituição de ensino. Com a finalidade de entender o que eles pensam a respeito da afetividade e sua relação com a aprendizagem.

3.2 PROBLEMÁTICA

Existe relação entre a afetividade e a aprendizagem?

3.3 OBJETIVO GERAL

Analisar se há relação entre a Afetividade e a aprendizagem.

3.4 OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Compreender o conceito de afetividade e de aprendizagem;

- Compreender de que forma a afetividade pode influenciar o processo de aprendizagem do ser humano;
- Destacar e analisar situações do cotidiano escolar nas quais seja possível perceber a relação existente entre a afetividade e a aprendizagem.

3.5 O CAMPO DA PESQUISA

3.5.1 Conhecendo a Escola

A escola onde foi realizada a pesquisa está localizada na periferia do município de Gravataí. Atende 232 alunos da educação infantil até a sexta série. O nível sócio-econômico é de famílias de baixa renda, pois a escola está inserida em uma comunidade considerada de alta vulnerabilidade. A turma é participativa e tranqüila, demonstram interesse por desafios e novidades. A sala de aula é ampla, bem arejada e sua capacidade comporta trinta alunos.

Apresenta um incômodo e que muitas vezes atrapalha o andamento da aula, que é uma repartição de madeira que divide uma sala de aula da outra, deixando a acústica comprometida pelo barulho dos alunos entre as duas turmas. Também pela falta de espaço físico para prática da educação física, que é feita entre os dois pavilhões, deixando os alunos mais agitados nestes dias.

A escola funciona das 8h às 12h e das 13h às 17h. Possui dezoito professores, duas monitoras que auxiliam as professoras que atendem os alunos com necessidades especiais e conta com cinco funcionários. A escola possui seis salas de aula, uma cozinha com refeitório, uma biblioteca bem espaçosa, uma sala de apoio pedagógico, que é o laboratório de aprendizagem (LA). Também possui secretaria, uma sala da direção e outra para orientação e supervisão.

Aos poucos ela está se adaptando para receber alunos de inclusão com reforma dos banheiros e construção de rampa de acesso. A instituição é mantida com repasse de verbas municipais, federais e com recursos próprios obtidos por meio de festas e rifas. Não possui Laboratório de Informática e o único computador com acesso à Internet banda larga, fica na secretaria para uso exclusivo desse setor.

3.5.2 Conhecendo a Turma

A turma 41 é de quarta série do ensino fundamental em nove anos, de uma escola da rede municipal de ensino, turma essa composta por trinta alunos, quatorze meninas e dezesseis meninos, sendo três alunos repetentes e um total de nove alunos com dificuldades de aprendizagem.

Aos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem é oferecido apoio pedagógico como o laboratório de aprendizagem, além de receberem atividades de reforço proporcionadas pela própria professora com auxílio de uma monitora. De modo um geral, a turma é muito boa, apresenta um desenvolvimento cognitivo gradual e contínuo, são alunos assíduos, participativos e críticos.

Os alunos demonstram maior interesse por atividades desafiadoras e apreciam a leitura como fonte de prazer, pois quando terminam suas atividades, buscam os livros que se encontram disponíveis no fundo da sala para lerem. Relacionam-se bem, trabalham em equipe, são solidários e possuem valores básicos para um bom convívio.

Na grande maioria não apresentam problemas por falta de respeito ou limites. A não ser o caso do aluno “D” que tem dificuldades de relacionamento com os colegas. São alunos muito comunicativos que gostam de relatar fatos de suas vivências e de participar de atividades recreativas, jogos como dama e xadrez que culmina com o torneio promovido pela escola anualmente. É uma turma que apresenta grande potencial.

4 REFLETINDO SOBRE AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADE FORNECEDORES DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA TURMA DE QUARTA SÉRIE

4.1 ENTRELAÇANDO O COTIDIANO DA SALA DE AULA E A TEORIA

Partindo dos registros feitos através do diário de campo, bem como do referencial teórico construído, elegi alguns fatos (entre muitos outros possíveis) que considerei importantes, tendo em conta a problemática e os objetivos do presente trabalho.

No começo do ano letivo tive dificuldades em desenvolver um bom trabalho desde o início, devido a problemas de relacionamento entre o aluno “D” e o restante da turma. O aluno “D” vem de uma família desestruturada, e ele não tinha nenhum contato com o seu pai que veio falecer em fevereiro do corrente ano. Motivo este alegado por “D” para apresentar momentos de agressividade e violência com seus colegas. Batia neles e dizia todo tipo de palavrão, desrespeitava todas as regras estabelecidas pela turma.

Quando questionado por suas atitudes além de não assumir, justificava-se dizendo sentir saudades do pai. Preocupada com a convivência entre meus alunos, procurei organizar e desenvolver meu planejamento com o modelo de quem aprendeu a ouvir e a respeitar o aluno, fundamentada em Maturana (2001, p.29).

A educação é um processo em que a criança ou o adulto convive com outro e ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência.

Acreditando que mexer com os sentimentos e as emoções na tentativa de sensibilizá-los para que houvesse uma mudança de comportamento se fazia urgente, foi o que fiz. Procurei planejar aulas mais dinâmicas, interessante e desafiadora através de técnicas de auto-ajuda e de relaxamento partindo para o lado afetivo.

Henri Wallon (1995), define a evolução do ser humano através de estágios comportamentais, onde a criança vai vivenciando diversas situações e isso vai contribuir para o seu crescimento.

Um dos textos trabalhados foi “A casa dos Espelhos”, pois com esta técnica pretendi conhecer um pouco mais sobre qual a imagem cada um dos alunos fazia de si. O objetivo desta técnica foi atingido, pois ao se verem refletidos em um espelho eles tinham a possibilidade de falar o que gostavam ou não em si, sobre suas angustias, seus medos, seus sonhos, seus anseios... Muitas foram às atividades desenvolvidas na tentativa de levar “D” refletir sobre suas atitudes em relação aos colegas e demais pessoas do ambiente escolar para levá-lo a uma mudança de comportamento.

Considerando-se que as atitudes se constituem em um aspecto fundamental do processo de promoção do desenvolvimento afetivo dos educandos e de sua socialização, sempre que acontecia surgiam problemas com “D” e algum dos seus colegas ouvia as partes envolvidas e questionava qual seria a melhor solução para o acontecido, obrigando-os a refletirem sobre as regras estabelecidas em conjunto e assim dando-lhes condições para que seu emocional floresça e se expanda.

De acordo com Piaget (1975, p.246), desde que o sujeito pode tomar consciência das normas que orientam sua conduta, não se concebe, a não ser que em estados patológicos, que ele ignore estas normas em qualquer tipo de comportamento responsável. Se ele que ignorar uma determinada norma vai contra seus desejos presentes, simplesmente deixará de considerá-la, pois “sabe-se muito bem (...) onde se quer chegar e a consciência, na realidade, é cúmplice desde o ponto de partida. O processo de tomada de consciência dos significados cognitivos e afetivos acontece quando o indivíduo domina as estruturas correspondentes a eles e sofre pressão do ambiente social. O choque de idéias e de sentimentos é fator importante para o enriquecimento da inteligência e do afeto.

Por isso procurei deixar sempre muito claro para “D” que ele era importante para mim e para a turma e que ele fazia parte daquele grupo como todos os colegas. Como ele sabia jogar damas muito bem, foi escolhido para representar a turma no torneio que a escola organizou no sentido de valorizá-lo e assim elevar sua auto-estima. A partir do seu envolvimento em algumas atividades do seu interesse, suas atitudes foram melhorando.

Sempre que a mãe de “D” era convidada a comparecer à escola em função das atitudes por ele apresentadas, ficava evidente a diferença que ela fazia entre “D” e seus outros filhos,

pois elogiava os outros e desprezava “D”, deixando transparecer o motivo pelo qual “D” apresentava tal comportamento. Sempre que podia ele dizia que a mãe não gostava dele, porque ele incomodava.

Em certa ocasião, na apresentação em homenagem ao dia das mães, ele não queria fazer o trabalho de artes, que era para presentear as mães, pois dizia que sua mãe não iria buscar. Incentivei-o a fazer, e no dia da apresentação ficou muito desapontado, pois a única mãe que não compareceu foi a sua. Procurei justificar sua ausência, uma vez que a mesma cuida da sua avó que é idosa, doente e não há outra pessoa que fique com ela para que sua mãe possa sair de casa. O menino não aceitou a desculpa e contou que a mãe leva a irmã menor na escola que ela estuda todos os dias e só não comparece à sua. “Na infância, a criança vive o mundo em que se funda sua possibilidade de converter-se num ser capaz de aceitar e respeitar o outro a partir da aceitação e do respeito de si mesma” (MATURANA, 2002, p.29).

De que forma ambicionar que o aluno mude suas atitudes se ele vive um ambiente de discriminação dentro do próprio lar? Certa vez, quando foi solicitada a presença da mãe na escola devido ao comportamento de “D”, constatamos a negligência dela em relação ao filho. Ela relatou que ele não obedece que faz o que bem entende. Disse que ele ficava até tarde da noite na rua, e que não sabe o que fazer. E que os outros irmãos não incomodavam, o único diferente era ele, uma vez que havia puxado pelo seu pai. A mesma negava-se a fazer qualquer tipo de acompanhamento do filho. Foi proposto que ela o levasse aos programas sociais que o município oferece, mas ela se negou alegando a distância dos locais e os horários. Nenhuma proposta fazia com que a mãe se interessasse pelo filho.

Quando a orientadora educacional da escola sugeriu que ele precisava de acompanhamento para melhorar suas atitudes e seu desempenho e que devia dar continuidade ao tratamento ela novamente se negou a buscar ajuda para o menino.

Do ponto de vista biológico, o amor é a emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como é no presente, sem expectativas em relação às conseqüências da convivência, mesmo quando seja legítimo esperá-las. O desenvolvimento biológico sadio de uma criança requer uma vida de amor e aceitação mútua e sem expectativas sobre o futuro – com sua mãe e os outros adultos com os quais ela convive (MATURANA, 2004, p.223).

Neste caso parecia evidente o motivo pelo qual “D” demonstrava uma carência afetiva muito grande. O filho tinha um sentimento de frustração por sua mãe não demonstrar nenhum tipo de envolvimento por ele e nem pela sua aprendizagem. A vida afetiva e a vida social, como formas de adaptação, apóiam-se numa assimilação contínua de situações presentes a situações anteriores. Essa assimilação é responsável pela existência de esquemas afetivos, isto é, de maneiras relativamente estáveis de sentir e reagir em relação aos outros.

O sentimento que a criança tiver experimentado no passado pela mãe orientará os sentimentos futuros. Mesmo que haja uma assimilação de amores sucessivos – irmãos, amigos, namorados etc. – ao amor- mãe, é este sentimento primitivo que irá modelar as emoções e comportamento mais profundos (Piaget, 1975, p.268).

A estruturação dos sentimentos está ligada aos valores. Estes podem ser atribuídos aos outros e a si próprio e, em ambos os casos, passam por uma evolução. Enquanto nos sentimentos interindividuais os valores são construídos com a cooperação do outro, daí o compromisso ou reciprocidade em relação aos outros, nos sentimentos intra-individuais os valores são elaborados com a ajuda do outro, mas a troca é intrapessoal. Por isso o compromisso é relativo ao próprio sujeito.

Acredito que o professor, ao estabelecer um clima de confiança e uma atitude de respeito com o aluno, passa a ser um mediador da aprendizagem. Uma das fontes motivacionais da aprendizagem está no vínculo que se estabelece entre o educando e o educador. É importante que o educando sinta segurança junto ao ambiente onde ocorre a aprendizagem. Quando não há vínculo afetivo dentro do lar da criança, o educador passa a ser a pessoa que poderá ser a referência de afetividade no ambiente escolar. Valorizando a criança estará também estimulando sua aprendizagem e este que já confia e admira seu educador, desejará aprender com ele tornando assim, o ambiente escolar agradável, acolhedor e favorável para construção do conhecimento.

Eu como professora mediadora desse processo, precisei estar aberta para: saber ouvir, ter sensibilidade, olhar de forma diferente para meu aluno, escutar, ser tolerante com meus próprios erros e os erros dos outros a fim de superar os desafios que se apresentavam e manter a turma em um ambiente harmônico para que a aprendizagem de fato pudesse acontecer.

4.2 AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM SEGUNDOS OS PROFESSORES

Como instrumento para coleta de dados, foi elaborado um questionário exploratório sobre as relações de afetividade entre professores e alunos dentro dos espaços escolares. A entrevista foi realizada com os pais dos alunos da quarta série do ensino fundamental de nove anos, alguns professores escolhidos aleatoriamente entre a educação infantil e o ensino fundamental desta instituição de ensino. Das professoras entrevistadas apenas uma é formada em magistério, as outras todas são formadas em nível superior e com curso de pós-graduação.

Em relação à existência de relação entre afetividade e aprendizagem, a maioria dos professores respondeu que são os laços de amizade numa convivência de respeito, de carinho, valorização e construindo através das emoções, dos sentimentos, onde as relações humanas prevalecem acima de tudo, numa atitude coletiva onde cada um faz a diferença. É um sentimento que a aproxima de alguém e por ele a faz ter carinho, envolvimento, responsabilidade.

De acordo com Piaget (1975, p.226), “cada um dos personagens do meio ambiente da criança ocasiona em suas relações com ela uma espécie de esquema afetivo, isto é, resumos ou moldes dos diversos sentimentos sucessivos que esse personagem provoca”. O conjunto dos esquemas afetivos irá constituir o caráter da pessoa.

Portanto é importante que o professor tenha consciência do quanto os sentimentos e a relação de afetividade são importantes para o desenvolvimento da criança, pois a sua influencia é muito importante para formação da personalidade da criança.

Quanto a perceber se há afetividade entre professor e aluno. Obtive como respostas que, através do olhar, do toque, sabendo ouvir, o professor torna-se um referencial de admiração e autoridade, que é demonstrado nos pequenos gestos, o respeito mútuo e seu compromisso com a missão de educar. A professora V. respondeu que percebe que há afetividade através das atitudes que demonstram preocupação com o outro e consideração com o ser humano e suas individualidades. Quando se estabelece laços de confiança e amizade e quando o aluno sente-se a vontade com o professor.

Para Wallon (1995), o processo ensino-aprendizagem facilitador do ponto de vista afetivo é aquele que permite a expressão e discussão dessas diferenças e que elas sejam levadas em consideração, desde que respeitados os limites que garantam relações solidárias.

Quando questionadas se existe relação entre a aprendizagem e a afetividade e de que forma isso acontece as respostas da maioria é de que quando um aluno apresenta uma defasagem na aprendizagem em relação aos colegas e não demonstra constrangimento ao buscar ajuda com a professora é porque sabe que será respeitado e por isso é possível perceber que existe afetividade.

A professora M. E disse que a partir do momento em que há preocupação e envolvimento com o aluno fica clara a existência da afetividade. Quando há afetividade desenvolve-se mais confiança tanto para quem aprende quanto para quem ensina.

A professora I acredita que a afetividade é facilitadora da aprendizagem, criando um canal direto entre educando e educador. Uma das professoras respondeu que quando um aluno é agressivo, agitado, não participa das atividades, é preciso conquistá-lo procurando cativá-lo para que haja interesse em desenvolver as atividades. Conseguindo conquistar o aluno a parte cognitiva fica mais fácil de desenvolver e a certeza da melhora nas relações humanas, refletirá na melhora da aprendizagem, fortalecendo o vínculo entre professor e aluno baseado no carinho, atenção e dedicação.

A vida afetiva, como a vida intelectual é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura (PIAGET, 1971, p.271).

Na questão que refere se a afetividade pode interferir ou auxiliar na aprendizagem, foi dito por alguns dos professores que para educar é preciso ter afeto. Estabelecer uma relação de ensino e aprendizagem é mostrar o quanto o aluno é importante, oportunizando o desenvolvimento de sua auto-estima, respeitando as diferenças individuais, desenvolvendo as três habilidades fundamentais: cognitiva, social e afetiva. Assim o aluno aprende a ser equilibrado, vivenciando os valores, a ética e a amizade, onde o exemplo e a figura do professor marcarão para sempre com compromisso, respeito e amor.

Alunos que convivem com famílias desestruturadas geralmente acabam por deixarem refletir alguns bloqueios no desenvolvimento da aprendizagem. Os casos de rebeldia e as dificuldades apresentadas são conseqüências pelo descaso vivido pela criança na família. Também o excesso de afeto pode interferir, prejudicando o processo de ensino-aprendizagem. A professora M.R respondeu que a afetividade pode ser decisiva para a aprendizagem, pois no momento em que se estabelecem vínculos afetivos entre o professor e o aluno, a comunicação e a compreensão torna-se muito mais fácil auxiliando, assim na aprendizagem.

É importante ressaltar que a pesquisa foi feita em uma escola de periferia numa comunidade considerada de vulnerabilidade social e de baixa renda, onde a maioria dos pais são separados, e os alunos são em alguns casos criados pelas avós e a presença dos pais na escola é quase inexistente.

Neste contexto é possível perceber que em muitas dessas famílias a uma carência de afetividade visível. Portanto a afetividade nas relações entre professor e aluno é fundamental para que este possa ser referência para a vida deles. A escola tem como finalidade desenvolver o educando em sua forma plena e para que isso aconteça é necessário refletir sobre a afetividade como fator importante na relação professor aluno e a sua implicação na aprendizagem. O aluno que tem a escola como seu único ponto de referência precisa ao chegar nela encontrar um ambiente favorável para sua aprendizagem onde prevaleça a amizade o respeito e a afetividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O educador precisa ser um observador atento em sala de aula para constatar quando a criança apresenta sinais de que está carente de afeto em casa, pois isso pode trazer problemas no seu rendimento escolar. Assim como o desinteresse e a apatia, a agressividade e as brigas dentro da sala de aula são um dos sintomas dessa falta de afetividade, passando a criança a chamar a atenção para si própria. Estas atitudes representam que o que incomoda a criança é a falta de afeto que está sofrendo e não o conhecimento que a escola tende a passar para ela. O aluno com baixa auto estima não consegue render o suficiente e sofre com essa carência.

O educador precisa ter sensibilidade para perceber que essa criança está passando alguma dificuldade em casa. A falta de afeto não recebida da família, faz com que isso se torne um problema aumentando sua defasagem de aprendizagem. Utilizando-se da amizade e do afeto que tem para com seu aluno o professor poderá amenizar o problema fortalecendo o vínculo e aumentando a confiança entre educando e educador para então oferecer uma aprendizagem significativa.

A correria do dia-a-dia, as dificuldades enfrentadas para oferecer uma vida com mais conforto e a desestruturação familiar, acaba fazendo com que os pais não demonstrem afeto e carinho suficientes ou mesmo deixando de lado estes sentimentos.

É importante que o educador se aproxime do educando, se mostre amigo e lhe de segurança junto ao ambiente onde ocorre a aprendizagem. Quando não há incentivo dentro do lar da criança, será o professor a pessoa que trará a afetividade para dentro da sala de aula. Um ambiente onde o diálogo e o respeito pelo indivíduo se faz presente torna a aprendizagem significativa, pois a afetividade é facilitadora deste processo e o professor um mediador.

REFERÊNCIAS

MATURANA R, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

PIAGET, Jean. **A Representação do Mundo na Criança**. Rio de Janeiro: Record, 1975.

PIAGET, Jean. **A relação da afetividade com a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Tradução de Paulo Francisco Slomp. Texto digitado. Original publicado em PIAGET, Jean. The relation of affectivity to intelligence in the mental development of the child. [transl. by Pitsa Hartocollis]. In Bulletin of the Menninger clinic. - 1962, vol. 26, no 3. Three lectures presented as a series to the Menninger School of Psychiatry. March, 6, 13 and 22, 1961. Publicação original em língua inglesa, 1962.

SANCHES, Maria Augusta Rossini. **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis: Vozes, 2001

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Henri Wallon; com introdução de Émile Jolley; tradução Claudia Berliner; São Paulo: 2007

Sites:

psicob.blogspot.com/.../interaco-entre-hereditariedade-e-o-meio.html

hereditariedade versus meio ambiente - além de herdabilidade </ a>

<http://social.jrank.org/pages/300/Heredity-Versus-Environment.html>

APÊNDICES

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO (para professor)

- 1- Para você o que o que é?
- 2 - Em quais momentos você percebe que há trocas afetividade entre você e seu aluno?
- 3 – Para você, podem existir relações entre afetividade e aprendizagem? De que forma?/ Cite um exemplo.
- 4- Você acredita que em algumas situações as questões afetivas são indiferentes para aprendizagem? Explique
- 5- Você acredita que em algumas situações as questões afetivas podem auxiliar na aprendizagem? De que forma?
- 6- Você acredita que em algumas situações as questões afetivas podem dificultar ou bloquear a aprendizagem? De que forma? Cite um exemplo?

QUESTIONÁRIO (para pais)

- 1- você o que é afeto?
- 2 - Em quais momento você percebe que há trocas afetividade entre você e seu filho?
- 3 – Para você, podem existe relações entre afetividade e aprendizagem? De que forma?/ Cite um exemplo.
- 4 – Você acredita que em algumas situações questões afetivas são indiferentes para aprendizagem? Explique
- 5- Você acredita que em algumas situações as questões afetivas podem auxiliar na aprendizagem de que forma?
- 6- Você acredita que em algumas situações as questões afetivas podem dificultar ou bloquear a aprendizagem? De que forma? Cite um exemplo?

APÊNDICE B

Autorização

Eu....., autorizo a utilização dos dados fornecidos neste questionário, para fins de pesquisa sobre Afetividade e Aprendizagem nas séries iniciais. Por outro lado a pesquisadora Nara Regina Goulart Sarmento, estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) compromete-se a manter em sigilo os dados que possam identificar sujeitos envolvidos. Este trabalho faz parte do Trabalho de Conclusão do Curso.

Gravataí, 10 de setembro de 2010.